

EÇA DE QUEIRÓS E A LITERATURA NOVA

MARIA LUIZA RITZEL REMÉDIOS
PUCRS

1. Da Questão Coimbrã às conferências do Casino Lisbonense

A Questão Coimbrã (1865-1866) foi o primeiro passo da revolução cultural que procurava arrancar a cultura e a literatura portuguesas dos hábitos criados por um romantismo demasiadamente limitado aos problemas e às obsessões nacionais. Aparece como polêmica de relevante dimensão, responsável pela revelação pública de intelectuais como os poetas Antero de Quental e Guerra Junqueiro, o ficcionista Eça de Queirós, o republicano e depois ministro da monarquia Oliveira Martins, o futuro chefe do Governo Provisório Republicano Teófilo Braga, o futuro Presidente da República portuguesa Manuel de Arriaga e muitos outros, os quais constituíram, posteriormente, a chamada Geração de 70.

Esses intelectuais de Coimbra, protestando contra o idealismo subjetivo e formal; criticando severamente o patriotismo, retoricamente otimista à maneira de Castilho, e substituindo esse patriotismo pelo cosmopolitismo, através das mais díspares influências:

o orientalismo, o folclore com intenções étnicas, a filosofia e a metafísica alemãs, o realismo francês, a filosofia da história, o positivismo,¹

refletem sobre as novidades culturais, formadoras do espírito moderno.

A instauração da atmosfera polêmica dá-se, principalmente, com a publicação das *Odes Modernas* (1865), de Antero de Quental e na sua tentativa de apresentar-se como um poeta moderno, "afastado dos lugares-comuns sentimentais da poesia de seu tempo".² Também porque as odes

traziam consigo, de facto, uma entoação discursiva, um leque de temas e um conjunto de sugestões ideológicas que a insossa poesia ultra-romântica desconhecia.³

¹ FIGUEIREDO, Fidelino. *História Literária de Portugal (Séculos XII-XX)*. Coimbra: Nobel, 1944. p. 365.

² REIS, Carlos. *As Conferências do Casino*. Lisboa: Alfa, 1990. p. 18.

³ Idem. *Ibidem*. p. 19.

O ambiente polêmico, entretanto, não é resultado apenas da publicação dos poemas de Antero de Quental, mas, sobretudo, do texto de teor programático, *Nota Sobre a Missão Revolucionária da Poesia*, publicado como pós-fácio, na qual o poeta açoriano reflete sobre o papel revolucionário e socialmente militante da poesia, analisando a alienação da cultura portuguesa em relação às transformações sociais e políticas da Europa.

Diversas e desiguais foram as intervenções que constituíram a Questão Coimbrã, destacando-se como textos mais importantes aqueles de António Feliciano de Castilho (*Carta ao Editor Responsável pela Publicação de Poema da Mocidade*, de Pinheiro Chagas); Antero de Quental (*Bom Senso e Bom Gosto e A Dignidade das Letras e as Literaturas Oficiais*); de Teófilo Braga (*As teocracias Literárias*); de Ramalho Ortigão (*Literatura Hoje*).

Segundo os historiadores da literatura portuguesa, a Questão Coimbrã mais do conflito entre movimentos literários (romantismo e realismo) foi uma confrontação entre duas concepções divergentes em diferentes aspectos referentes à condição social da literatura: uma, *alienada* e puramente decorativa, praticada pelos escritores ultra-românticos; a outra, perfilhava uma concepção *empenhada* da criação literária, à luz da qual os problemas de ordem social deviam ocupar a atenção do escritor, pois, como diz Antero de Quental,

a poesia que quiser corresponder ao sentido mais fundo do seu tempo, hoje, tem forçosamente de ser uma poesia revolucionária. Que importa que a palavra não pareça poética às vestais literárias do culto da arte pela arte? No ruído espantoso do desabar dos Impérios e das Religiões, há ainda uma harmonia grave e profunda para quem a escutar com a alma penetrada do terror santo deste mistério que é o destino das Sociedades.⁴

Assim, fica bem claro que os novos poetas desejavam "paixão, força arrebatadora, (...) sinceridade na composição poética. As Odes anunciavam a revolta sobre o seu tempo".⁵ Eles pretendiam fazer da literatura um instrumento de reflexão crítica contra o convencionalismo, contra o artifício. Por isso, definem-se, em atitudes antagônicas, as decorrências culturais dessa polêmica, revelando que a Questão Coimbrã foi, no plano ideológico, uma luta de palavras. De um lado, "encontravam-se os teóricos da sociedade futura, utopistas necessariamente, pois jamais foram chamados a fazer história";⁶ e, do outro, colocaram-se "aqueles que sustentaram a

consagração do liberalismo constitucionalista que governou o país e o modelou à sua imagem e semelhança, pelo menos até 1910".⁷

Ao refletir sobre as consequências culturais da Questão Coimbrã, Alberto Ferreira diz que

o que acontece depois da Questão Coimbrã é sempre significativo: o Cenáculo de Lisboa, as Conferências Democráticas do Casino Lisbonense, o realismo crítico de Eça de Queirós, *As farpas*, a formação do partido operário, a crítica "catastrófica" de Oliveira Martins, a poesia panfletária, a formação do partido republicano. o surto do positivismo cientista, o parnasianismo, o satanismo e simbolismo, o realismo poético de Cesário Verde, a sonda realista e mágica na efusão romântica de António Nobre, a questão do Ultimatum, a Liga patriótica, o 31 de Janeiro. Uma dinastia de críticos juristas, reformadores, poetas, economistas, pedagogos, utopistas.⁸

Dessas consequências, literárias, históricas, sociais e econômicas, interessa ao estudioso da literatura entre outras, o Cenáculo de Lisboa e as Conferências do Casino, o realismo de Eça e de Cesário Verde, a publicação de *As Farpas*, obra conjunta de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, o simbolismo de António Nobre, porque estão marcadas pelo espírito da "nova literatura".

Os tempos que se seguem à Questão Coimbrã, final dos anos 60 até o regresso de Antero de Quental, "favorecem na jovem geração saída de Coimbra, o amadurecimento de posições e mesmo o reconhecimento de alguns excessos".⁹ Quando Antero retorna de sua viagem pela América e Europa, torna-se mentor do antigo grupo coimbrão ao qual se somaram novos adeptos, que se reúne na casa de Jaime Batalha Reis, chamada por Eça de Queirós de Cenáculo. Aí, conforme Eça de Queirós, "rugia e flamejava a nossa escandalosa fomalha de revolução, de metafísica, de satanismo, de anarquia, de boemia feliz".¹⁰ Esse grupo, ativamente empenhado em refletir, intervir, transformar, foi marcado pelas discussões intelectuais que vêem na regeneração moral e social. Nele, não só se afirma a preocupação social: o socialismo reformista de Proudhon é bastante discutido e há maior preocupação política, como também originaram-se obras como *Prosas Bárbaras*, de Eça de Queirós, e *Poemas de Macadam*, do suposto (imaginário?) poeta Carlos Fradique Mendes. Também aí projetaram-se as Conferências Democráticas do Casino Lisbonense.

⁷ Idem. *Ibidem*. p. 243.

⁸ FERREIRA, Alberto. *Estudos de Cultura Portuguesa (Século XIX)*. Lisboa: Moraes, 1979. p. 65.

⁹ REIS, Carlos. Op. cit. nota 2. p. 26.

¹⁰ QUEIRÓS, Eça de. "Um Gênio que Era Um Santo". In: ———, *Notas Contemporâneas*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d. p. 267.

⁴ QUENTAL, Antero. *Odes Modernas*. Lisboa: Portugalia, 1983. p. 209-210.

⁵ FERREIRA, Alberto. *Perspectiva do Romantismo Português*. Lisboa: Edições 70, 1071. p. 232-233.

⁶ Idem. *Ibidem*. p. 243.

O projeto das Conferências do Casino Lisbonense integra-se "num largo e ambicioso, embora vago, plano de reforma da sociedade portuguesa".¹¹ Seu programa caracteriza-se pelo compromisso entre a necessidade de manter certa disciplina programática e o desejo de abrir o mais possível o leque de propostas de reflexão, onde a intenção principal era

Abrir uma tribuna onde tenham voz as idéias e os trabalhos que caracterizam esse movimento do século preocupando-se sobretudo com a transformação social, moral e política dos povos;

Ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitais de que vive a humanidade civilizada;

Procurar adquirir a consciência dos factos que nos rodeiam na Europa;

Agitar na opinião pública as grandes questões da Filosofia e da Ciência Moderna;

Estudar as condições da transformação política, econômica e religiosa da sociedade portuguesa.¹²

Esta proposta revolucionária que pretendia "agitar na opinião pública as grandes questões da Filosofia e da Ciência Moderna", estudar as condições da transformação política, econômica e religiosa da sociedade portuguesa", ligar Portugal com o movimento moderno", refletia o caráter doutrinário e o objetivo de espalhar determinadas idéias, revelando-as como necessárias para o progresso da ciência moderna e da crítica. A pretensão maior, entretanto, era levar à população os debates do público e contribuir para a reforma da sociedade portuguesa.

A primeira conferência "O Espírito das Conferências" (22/05/1871), proferida por Antero de Quental, desenvolvia as idéias contidas no programa. Seguiram-se a essa: "Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos", também de Antero; "A Literatura Portuguesa", de Augusto Soromenho; "A Literatura Nova (O Realismo como Nova Expressão da Arte)", de Eça de Queirós; "O Ensino", de Adolfo Coelho. A sexta conferência "Os Historiadores Críticos de Jesus", de Salomão Saragga, e as seguintes "O Socialismo", de Jaime Batalha Reis; "A Instrução Primária", de Adolfo Coelho, e "A Dedução Positiva da Idéia Democrática", de Augusto Fuschini, não chegaram a ser proferidas, pois as Conferências do Casino foram proibidas, por ordem do ministro do reino Antón José de Ávila,

¹¹ SARAIVA, António José & LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. 5. ed. Porto: Porto, s/d. p. 843.

¹² Conforme Programa impresso das Conferências do Casino Lisbonense. apud SARAIVA, A.J. & LOPES, O. Op. cit. nota 11, p. 843.

sob a alegação de que sustentavam doutrinas contrárias à religião e às instituições do Estado, o que ofendia as leis do reino e do Código Fundamental da Monarquia.¹³

Apesar dos protestos provocados pelo fechamento das Conferências do Casino que, segundo opinião de jornais conservadores, revelavam as intenções subversivas de seus autores, adeptos da Comuna, elas não foram reabertas. Entretanto, muito mais do que os incidentes e protestos que o encerramento das Conferências provocou, interessa reter as conseqüências culturais que elas desencadearam tanto a nível geral, quanto no especificamente literário. No primeiro plano, geral, destacam-se a atividade político-social de Antero de Quental, responsável pela difusão do ideário socialista em Portugal; a crítica à sociedade portuguesa praticada pel' *As Farpas*, de Eça e Ramalho; o sarcástico ataque ao clero e à educação romântica de Guerra Junqueiro (respectivamente em *Velhice do Padre Eterno* e *A Morte de D. João*), entre outros. No segundo, especificamente literário, as Conferências são responsáveis pela implantação do Realismo e do Naturalismo em Portugal, para isso contribuiu significativamente a intervenção de Eça de Queirós.

2. A Literatura Nova (o realismo como expressão nova da arte)

A síntese, embora redutora, que se apresentou acima, procurou dar conta das linhas fundamentais que regiam as práticas culturais, que se configuravam em Portugal e que sustentavam a Geração de 70. Do tempo de preparação, Questão Coimbrã, ao tempo da explosão, Conferências do Casino, os intelectuais e, sobretudo, os literatos, passam da rebeldia dos anos 60 à ânsia de renovação dos anos 70. As Conferências exigiam mudanças sociais e mudanças na arte, principalmente, a literária. Essas transformações já eram apontadas desde a Questão Coimbrã, "quando não estava em causa ainda o realismo propriamente dito e quando permanecia idealista e romântica (mas já socializante) a concepção militante do escritor, que se opunha à função decorativa do poeta."¹⁴

Carlos Reis, ao tratar das Conferências diz que

com o realismo de inspiração flaubertiana e de coloração ideológica proudhoniana (e logo depois com o naturalismo), aprofunda-se o sentido de militância e aperfeiçoam-se os instrumentos e estratégias propriamente literários que o deviam servir de acordo, com uma concepção empenhada do enômeno literário: é Eça de Quei-

¹³ RIBEIRO, Maria Aparecida. *História Crítica da Literatura Portuguesa (Realismo e Naturalismo)*. Lisboa: Verbo, 1994. p. 76.

¹⁴ REIS, Carlos. Op. cit. nota 2, p. 49.

rós quem aponta nessa direção, pela sua prática literária e pela sua reflexão doutrinária.¹⁵

A política literária e a reflexão doutrinária de Eça de Queirós estão explicitadas em sua conferência "A Literatura Nova (O Realismo Como Expressão Nova da Arte)", na qual se confessa submisso ao espírito revolucionário das conferências, à revolução, considerada como *facto permanente*, porque "resultado concreto da lei natural da transformação constante",¹⁶ e como *teoria jurídica*, porque segue não só aos factos, mas à idéia.¹⁷ Eça de Queirós diz que ser fato permanente e teoria jurídica basta para afirmar

que o espírito revolucionário naturalmente tende a invadir todas as sociedades modernas – e a afirmar-se na ciência, na política, na vida social, enfim. A revolução constituía assim, portanto, uma forma, um mecanismo, um sistema. E, no entanto, só na arte estava encontrando uma exclusão persistente, sistemática e premeditada.¹⁸

O Objetivo de sua conferência explicita-se, então, Eça de Queirós vem apresentar e discutir aquilo que, apesar da exclusão persistente, o programa revolucionário da Conferências entendia por princípio estético. Por isso trata de revelar os três aspectos que constituem a aspiração e a obra do espírito revolucionário: "o verdadeiro na ciência, o justo na consciência, o belo na arte",¹⁹ procurando revelar o que a revolução entende no campo da estética, "o que ela pensa dever ser na sociedade moderna, e talvez futura, o drama, o romance e a poesia."²⁰

Afirmando a necessidade de que aceitar-se o princípio fundamental de que a "arte não aparece nas sociedades como um facto isolado, mas sim intimamente ligada ao progresso e decadência delas, era negar o valor do artista como individualidade",²¹ Eça de Queirós considera a arte ligada a todos os movimentos sociais, determinada, condicionada por *causas permanentes*, que residem no solo, no clima e na raça, e por *causas acidentais*, que provêm de determinada ordem de idéias as quais formam diferentes períodos históricos e determinam os costumes. Ao combinar sugestões de Taine (solo, clima e raça) e de Proudhon (idéias diretrizes de cada

¹⁵ Idem. Ibidem. p. 49.

¹⁶ QUEIRÓS, Eça de. "A Literatura Nova (O Realismo Como Nova Expressão da Arte)". In: REIS, Carlos. Op. cit. nota 2. p. 135-142.

¹⁷ Idem. Ibidem. p. 135.

¹⁸ QUEIRÓS, Eça de. Op. cit. nota 15. p. 135.

¹⁹ Idem. Ibidem. p. 135.

²⁰ Idem. Ibidem. p. 135.

²¹ Idem. Ibidem. p. 136.

sociedade), Eça de Queirós defendia uma teoria que considera a arte condicionada a diversos fatores.

Questionando a arte do século XIX e mostrando o "falseamento da sua missão", é "arte falsa, em suma", pois "no seu maior desenvolvimento, tudo é imitação",²² o conferencista faz um percurso que partindo de Victor Hugo, passa por Chateaubriand e Musset e chega à "literatura devassa do boulevard que se sintetiza na ostentação da impudica Rigolboche."²³ Na retomada da postura da arte do século XIX, Eça de Queirós havia concretizado todos os "aspectos que apresentavam as literaturas em face das causas acidentais, visto ser falsa a literatura que está em desacordo com a idéia, com o ideal social."²⁴

Criticando a literatura romântica por fugir à sua época, Eça de Queirós indica como missão da literatura portuguesa o ser a expressão da Revolução. Essa é a missão a que se propõe a nova arte realista. O realismo será, então, a reação contra o falso, será "a base filosófica para todas as concepções do espírito, uma lei, uma carta de guia, um roteiro do pensamento humano, na eterna região artística do belo, do bom e do justo",²⁵ que Eça de Queirós exemplifica com quadros de Courbet, os quais, à ocasião da conferência, não conhecia diretamente, e com *Madame Bovary*, de Flaubert.

Sistematizando as noções de realismo que apresentara até então, o conferencista diz que:

1º O realismo deve ser perfeitamente do seu tempo, tomar a sua matéria na vida contemporânea. Deste princípio, que é basilar, que é a primeira condição do realismo, está longe a nossa literatura. A nossa arte é de todos os tempos, menos do nosso. Ver *Eurico*, *O monge de Cister*, *A Mocidade de D. João V*, *O Arco de Sant'Ana*;

2º O realismo deve proceder pela experiência, pela fisiologia, ciência dos temperamentos e caracteres;

3º O realismo deve ter o ideal moderno que rege as sociedades – isto é: a justiça e a verdade.²⁶

Insistindo que a "arte não deve ser destinada a causar impressões passageiras", mas deve sim "visar a um fim moral: deve corrigir e ensinar", Eça de Queirós aponta para uma missão social e moralizadora da arte, em específico da literatura, que se tornará uma auxiliar da ciência e da consciência, "fazendo a crítica dos temperamentos e dos costumes" e "demonstrando pelos meios que lhe são próprios, a verdade e a justiça que

²² Idem. Ibidem. p. 137.

²³ QUEIRÓS, Eça de. Op. Cit. nota 15. p.139.

²⁴ Idem. Ibidem. p. 139.

²⁵ Idem. Ibidem. p. 139.

²⁶ Idem. Ibidem. p. 141.

podem encerrar as acções humanas."²⁷ Reafirma que é no realismo "que se pode fundar a regeneração dos costumes pela arte."²⁸ E assim, será considerada obra superior aquela que obedeça a três condições:

ser bela, ser justa, ser verdadeira. Quer dizer: quando a ciência nos disser: a idéia é verdadeira; quando a consciência nos segredar: a idéia é justa; e quando a arte bradar: a idéia é bela, teremos a obra de arte superior. Do contrário teremos uma obra falsa, fora do momento, da verdade, etc.²⁹

Finaliza sua conferência com breve peroração:

A arte presente traiçoa a revolução, corrompe os costumes. De tal forma, ou se há de tornar realista ou irá até extinção completa pela reacção das consciências. O modo de a salvar é fundar o realismo, que expõe o *verdadeiro* elevado às condições do *belo*, e aspirando ao *bem*, pela condenação do vício e pelo engrandecimento do trabalho e da virtude.³⁰

A pesquisa de Carlos Reis, nos relatos publicados nos jornais da época, revela não só "o sucesso mundano" do conferencista, como também a síntese das teses defendidas por Eça de Queirós. Essas notícias mais a leitura da conferência permitem concluir que Eça de Queirós apoia sua concepção de realismo em três bases: "Flaubert, pelo que respeita ao realismo literário propriamente dito; Proudhon, no que toca à orientação reformista e moralizadora que a arte deve adoptar; Taine, pela concepção determinista dos fenómenos artísticos."³¹

A defesa queirosiana do realismo, como se vê, não dispensa uma confrontação direta com o romantismo. O realismo é anti-romântico, porque é anti-sentimentalista, porque é anti-sentimental, porque é contra a falsidade da poética da arte pela arte. Por isso,

Chateaubriand, cultor de um "cristianismo para se tocar ao piano", é um exemplo flagrante da literatura a abolir; Flaubert e a concepção do romance que conduz a *Madame Bovary* são exemplos adotar porque pressupõem uma prática realista analítica e experimental, não uma simples fotografia do real.³²

sendo assim, a prática artística, defendida por Eça, voltada para o ideal de justiça e de verdade, é uma arte revolucionária, motivada para a solução dos problemas sociais, isto é, uma arte engajada, de compromisso que procura incorporar os descobrimentos de seu tempo.

²⁷ QUEIRÓS, Eça de. Op. cit. nota 15. p. 141.

²⁸ Idem. Ibidem. p. 141.

²⁹ Idem. Ibidem. p. 141.

³⁰ Idem. Ibidem. p. 142.

³¹ REIS, Carlos. Op. cit. nota 2. p. 63.

³² Idem. Ibidem. p. 65.